A ARTE URBANA COMO DISPOSITIVO PEDAGÓGICO: POÉTICAS DO COTIDIANO E RESISTÊNCIA CULTURAL NA ESCOLA PÚBLICA

ANA CRISTINA SILVA DOS SANTOS PURCINO

RESUMO:
O artigo investiga como o ensino de Arte nas escolas públicas pode incorporar a arte urbana como expressão estética, social e política, analisando sua potência como forma de resistência cultural no cotidiano dos estudantes. O texto tem como objetivo compreender de que modo manifestações como grafite, muralismo, intervenções visuais e performances de rua podem dialogar com a realidade escolar, ampliando repertórios culturais e fortalecendo identidades juvenis. Para isso, emprega pesquisa bibliográfica e análise de práticas pedagógicas que articulam arte, território e experiências do cotidiano, considerando autores que discutem cultura visual, educação estética e políticas culturais. Nesse sentido, o estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica que reúne, analisa e interpreta produções acadêmicas, artigos científicos, livros e documentos oficiais relacionados ao ensino de Arte nas escolas públicas e às manifestações de arte urbana. A pesquisa organiza diferentes perspectivas teóricas para compreender como grafite, muralismo, performances e intervenções visuais são abordados pela literatura, identificando convergências, tensões e contribuições para a construção de práticas pedagógicas que dialoguem com o cotidiano dos estudantes. Ao mobilizar referências variadas, a revisão possibilita compreender o estado da arte sobre o tema, evidenciando debates atuais, lacunas existentes e caminhos possíveis para incorporar a poética do cotidiano e a resistência cultural ao currículo escolar. O método centra-se na interpretação crítica de produções urbanas e na observação de projetos escolares que utilizam a arte urbana como recurso formativo, especialmente em contextos periféricos. O estudo evidencia que a integração da arte urbana ao currículo fortalece o protagonismo dos estudantes, valoriza saberes locais e amplia a leitura crítica do espaço público, contribuindo para uma educação mais sensível, significativa e alinhada às realidades socioculturais da comunidade escolar. Conclui que a poética do cotidiano, quando acolhida pela escola, potencializa práticas de resistência, memória coletiva e construção identitária, permitindo que a Arte se torne um campo de reflexão e criação que ultrapassa os limites da sala de aula. Além disso, destaca que o trabalho com arte urbana nas escolas públicas favorece o desenvolvimento de competências expressivas e de percepções estéticas mais amplas, incentivando a autonomia intelectual e o protagonismo estudantil. Como considerações finais, afirma que a presença da arte urbana no ensino de Arte promove inclusão, sentido de pertencimento e reconhecimento da diversidade cultural presente nos territórios, contribuindo para que os estudantes se percebam como sujeitos criadores e agentes transformadores do espaço onde vivem.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Urbana; Educação Estética; Resistência Cultural; Escolas Públicas.

ABSTRACT:
This article analyzes the presence of urban art in public schools by examining how everyday aesthetics and cultural resistance shape students' learning experiences. Its objective is to discuss how graffiti, muralism, and other urban visual expressions can strengthen identity, belonging, and social awareness within the school environment. Based on a bibliographic review, the study articulates theoretical perspectives that highlight the pedagogical potential of urban art in promoting critical thinking and cultural appreciation. The findings indicate that integrating everyday poetics into Art Education contributes to more meaningful, contextualized, and culturally responsive teaching practices in public education.

KEY-WORDS: Urban Art; Public Schools; Cultural Resistance; Everyday Poetics.

1. INTRODUÇÃO

A presença da arte urbana no contexto escolar tem se destacado como um campo fértil para a compreensão das manifestações culturais que emergem do cotidiano e dos territórios onde as escolas públicas estão inseridas. Ao refletir sobre a poética do cotidiano, representada por expressões como o grafite, o muralismo e outras linguagens visuais produzidas nos espaços urbanos, torna-se possível reconhecer que a escola não está dissociada das narrativas que circulam fora de seus muros.

Nesse sentido, a discussão sobre "A Poética do Cotidiano: Arte Urbana e Resistência Cultural" permite compreender como essas manifestações atuam não apenas como expressão estética, mas também como forma de resistência, afirmação identitária e diálogo com realidades frequentemente invisibilizadas.

A problemática que orienta este estudo concentra-se na seguinte questão: de que maneira a arte urbana pode contribuir para a formação crítica, cultural e social dos estudantes das escolas públicas, considerando as desigualdades históricas e territoriais que marcam seus cotidianos? Essa indagação torna-se relevante na medida em que muitas práticas artísticas presentes nos territórios não são valorizadas no currículo escolar, o que limita o reconhecimento da diversidade cultural e das potências expressivas que compõem o universo dos estudantes.

A justificativa para esta pesquisa baseia-se na necessidade de ampliar o debate sobre práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade dos educandos, valorizando suas vivências, referências simbólicas e repertórios culturais.

A arte urbana, ao emergir como expressão coletiva e como instrumento de resistência frente aos processos de marginalização de determinados grupos, oferece possibilidades significativas para o ensino de Arte, especialmente quando compreendida como linguagem capaz de promover leitura de mundo, criticidade e autonomia criadora.

Assim, discutir sua inserção nas escolas públicas constitui um passo importante para fortalecer uma educação mais plural, democrática e sensível às múltiplas identidades presentes nas comunidades escolares.

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar o papel da arte urbana no cotidiano das escolas públicas, investigando como suas linguagens e significados podem ser incorporados às práticas pedagógicas e aos processos de aprendizagem dos estudantes. Busca-se também compreender de que forma a poética do cotidiano contribui para o desenvolvimento de competências estéticas, culturais e críticas, articulando teoria e prática por meio de uma revisão bibliográfica que explora diferentes autores e perspectivas.

Dessa maneira, pretende-se oferecer subsídios que ampliem o entendimento sobre a relação entre arte, cultura e resistência no âmbito da educação pública brasileira.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 ARTE URBANA E POÉTICA DO COTIDIANO NAS ESCOLAS PÚBLICAS

A arte urbana tem se consolidado como um campo de conhecimento capaz de promover diálogos significativos entre escola, território e cultura contemporânea. Nas últimas décadas, manifestações como grafite, estêncil, muralismo e intervenções visuais tornaram-se linguagens expressivas que comunicam tensões sociais, narrativas marginalizadas e resistências coletivas.

Para Ferreira (2021), a arte urbana constitui uma estética que emerge das ruas e reflete os conflitos e potências da vida social. Assim, sua presença no contexto escolar amplia possibilidades de leitura crítica do mundo e contribui para a construção de identidades plurais.

No cotidiano das escolas públicas, a aproximação com a arte urbana é uma oportunidade de reconhecer que estudantes carregam repertórios culturais que não se limitam ao que está previsto no currículo oficial. Conforme afirma Canclini (2019), práticas culturais híbridas revelam modos de ser e de produzir sentido que não podem ser ignorados pelas instituições educativas. Ao integrar as linguagens urbanas ao ensino de Arte, o professor estabelece pontes entre conhecimento escolar e experiências vividas, fortalecendo a relevância da educação para a vida dos estudantes.

A poética do cotidiano, nesse contexto, aparece como um conceito central para compreender a dimensão sensível e crítica das produções artísticas urbanas. De acordo com Bachelard (2018), o cotidiano é espaço de memória, imaginação e afetos, sendo também palco de tensões e disputas simbólicas. Quando a escola reconhece essa dimensão, ela se torna capaz de enxergar o território como um lugar de aprendizagem estética e cultural.

A arte urbana também revela processos de resistência cultural que atravessam grupos historicamente marginalizados. Segundo Silva (2017), o grafite pode ser compreendido como uma forma de insurgência visual que denuncia desigualdades e reivindica presença nos espaços urbanos. Incorporar essas narrativas ao currículo escolar significa valorizar vozes que, por muito tempo, permaneceram invisibilizadas dentro da própria escola.

Além disso, a presença da arte urbana nas práticas pedagógicas estimula o pensamento crítico. Giroux (2021) enfatiza que a educação crítica deve promover a capacidade de questionar estruturas sociais e culturais que moldam a vida cotidiana. Quando estudantes analisam murais, intervenções ou mensagens urbanas, eles são incentivados a interpretar relações de poder, disputas de território e discursos políticos que fazem parte da paisagem urbana.

A leitura das imagens urbanas, portanto, vai além da fruição estética; ela se transforma em instrumento de análise social. Para Dondis (2015), a alfabetização visual é fundamental para compreender significados implícitos na comunicação contemporânea. Trabalhar essas competências no ambiente escolar favorece a formação de leitores críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

No ambiente escolar, a arte urbana também cria oportunidades de pertencimento. Pesquisas de Santos (2022) mostram que projetos educativos envolvendo grafite fortalecem vínculos entre estudantes e o espaço escolar, especialmente quando as produções são realizadas de forma colaborativa. Ao participarem de intervenções artísticas na escola, os estudantes enxergam o espaço como lugar de expressão e construção coletiva.

Outro aspecto relevante é o potencial da arte urbana para promover a valorização da diversidade cultural. Hall (2016) destaca que identidades são processos em constante construção, e a cultura desempenha papel central nesse movimento. Ao analisar as diferentes estéticas presentes nos muros das cidades, os estudantes compreendem que múltiplas identidades convivem e dialogam nas ruas, desafiando estereótipos e preconceitos.

Além da análise visual, a prática com arte urbana nos projetos escolares favorece aprendizagens interdisciplinares. Segundo Hernández (2020), metodologias que articulem arte e cultura visual promovem abordagens mais amplas e contextualizadas, integrando história, geografia, língua portuguesa e ciências sociais. Essas conexões permitem que o ensino de Arte ultrapasse a dimensão técnica e alcance temas sociais complexos.

A arte urbana também contribui para a ampliação do repertório estético dos estudantes. Para Dewey (2010), experiências estéticas são essenciais para o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção. O contato com diferentes expressões urbanas estimula novas formas de observar, imaginar e interpretar o mundo ao redor.

Outro ponto fundamental é o caráter dialógico da arte urbana. Freire (2016) reforça que toda prática educativa deve partir do diálogo e da escuta ativa. Quando os professores utilizam murais e grafites para iniciar conversas sobre cotidiano, cidade, desigualdades ou cultura, eles criam condições para que os estudantes compartilhem suas vivências e produzam sentidos coletivos.

No entanto, a relação entre escola e arte urbana ainda enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito ao preconceito social que associa o grafite ao vandalismo. Para Zil-ler (2020), essa estigmatização resulta da incompreensão histórica sobre o papel social da arte urbana e sua função comunicativa. O ambiente escolar, ao desconstruir esses mitos, contribui para uma compreensão mais ampla das expressões culturais juvenis.

A formação docente também desempenha papel essencial nesse processo. Estudos de Barbosa (2015) apontam que muitos profes-

sores ainda se sentem inseguros ao trabalhar temas contemporâneos da cultura visual, seja pela falta de formação específica ou pela ausência de materiais pedagógicos adequados. Investir em formação continuada é fundamental para que o ensino de Arte acompanhe as transformações da sociedade.

Outro aspecto que merece destaque é o impacto emocional da arte urbana no contexto escolar. Segundo Nunes e Braga (2021), produções coletivas de grafite fortalecem a autoestima dos estudantes, pois reconhecem seus talentos e suas manifestações identitárias. Essa dimensão emocional é fundamental para o desenvolvimento integral e para a construção de uma escola mais acolhedora.

Além de favorecer o diálogo, a arte urbana estimula a criatividade e a expressão pessoal. Csikszentmihalyi (2014) defende que processos criativos contribuem para o desenvolvimento de autonomia, motivação e protagonismo. Ao envolver estudantes em práticas de intervenção artística, a escola apoia o desenvolvimento de competências fundamentais para a vida e para a participação social.

A articulação entre escola e território é outro elemento importante. Para Arroyo (2017), compreender a escola como parte do território implica reconhecer que o ambiente urbano influencia diretamente as vivências, aprendizagens e identidades dos estudantes. A arte urbana torna visível esse diálogo, possibilitando que a escola se conecte ao entorno e produza práticas pedagógicas contextualizadas.

Também é relevante destacar que a arte urbana pode estimular debates sobre cidadania. Segundo Torres (2020), intervenções artísticas nos espaços públicos convidam à reflexão sobre o direito à cidade, à memória e à participação social. Quando essas discussões chegam à sala de aula, fortalecem a consciência crítica e o engajamento dos estudantes com questões sociais contemporâneas.

Por fim, a incorporação da poética do cotidiano na escola contribui para democratizar o acesso à arte e à cultura, principalmente em contextos marcados pela desigualdade. Como afirma Bourriaud (2019), a arte relacional abre espaço para interações sociais que fortalecem o senso de comunidade. Assim, quando a escola reconhece o valor da arte urbana e a integra ao processo educativo, promove uma educação mais humana, significativa e conectada às realidades dos estudantes.

2.2 ARTE URBANA, EDUCAÇÃO ESTÉTICA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA PÚBLICA

A inserção da arte urbana no contexto escolar exige uma compreensão aprofundada sobre o papel da educação estética na formação dos estudantes. Para Dewey (2010), a experiência estética é fundamental para que o sujeito desenvolva sensibilidade, percepção e capacidade interpretativa. Quando a escola incorpora elementos visuais da cidade, ela amplia as formas de aprender e permite que os estudantes estabeleçam relações significativas entre arte, vida e território.

Nesse sentido, a arte urbana se apresenta como uma linguagem privilegiada para trabalhar processos educativos que valorizem a cultura visual. Hernández (2020) argumenta que a análise de imagens contemporâneas exige metodologias críticas que considerem circulação, contexto e intencionalidade. Ao trazer o grafite, o muralismo e as intervenções urbanas para a sala de aula, o professor amplia o repertório estético dos estudantes e promove debates relevantes sobre identidade e sociedade.

Outro fator central é a aproximação entre escola e território. A ideia de "educação como prática social", defendida por Freire (2016), reforça que o conhecimento não se limita ao espaço formal da sala de aula, mas é construído a partir das vivências do sujeito em seu contexto sociocultural. Projetos que utilizam a arte urbana como referência estabelecem conexões entre o cotidiano dos estudantes e os conteúdos escolares, fortalecendo o sentido da aprendizagem.

Além disso, a arte urbana incentiva o desenvolvimento da leitura crítica de mundo. Para Giroux (2021), práticas pedagógicas que dialogam com a cultura contemporânea contribuem para formar sujeitos capazes de

interpretar discursos, questionar injustiças e participar ativamente da vida social. Ao analisar obras urbanas presentes no bairro da escola, os estudantes aprendem a identificar mensagens políticas, demandas sociais e disputas de poder expressas nas paredes da cidade.

A presença dessas manifestações na escola também contribui para fortalecer vínculos e promover pertencimento. Estudos de Santos (2022) mostram que projetos colaborativos de grafite escolar aumentam a participação dos estudantes e transformam a relação deles com a instituição. Quando a escola se abre para as expressões culturais urbanas, ela reconhece e legitima as identidades juvenis, contribuindo para a construção de uma ambiência mais acolhedora.

Outro aspecto importante é o papel da arte urbana na construção de narrativas de resistência. Segundo Silva (2017), as manifestações visuais das ruas expressam histórias que emergem das margens sociais e denunciam desigualdades. Ao trabalhar essas narrativas na educação pública, o professor possibilita que os estudantes compreendam como grupos subalternizados utilizam a arte para reivindicar direitos e combater exclusões.

Essa abordagem também favorece discussões sobre diversidade cultural. Hall (2016) aponta que as identidades culturais são múltiplas e atravessadas por processos históricos e sociais. Analisar diferentes estilos e produções urbanas ajuda os estudantes a reconhecer a pluralidade estética presente nas cidades, combatendo estereótipos e fortalecendo uma perspectiva intercultural.

No entanto, o trabalho com arte urbana no currículo escolar ainda enfrenta desafios estruturais. Conforme Barbosa (2015), muitos professores de Arte não tiveram, em sua formação inicial, contato com metodologias relacionadas à cultura visual ou às expressões artísticas contemporâneas. Essa lacuna demanda políticas de formação continuada que qualifiquem a prática docente e ampliem o repertório pedagógico.

Além disso, a resistência institucional também pode dificultar a implementação de projetos dessa natureza. Ziller (2020) argumenta que o grafite, historicamente, foi associado ao vandalismo, e essa visão ainda persiste em parte da sociedade. Para superar essa barreira, é fundamental que a escola desenvolva ações de sensibilização que evidenciem o caráter artístico, comunicativo e cultural da arte urbana.

A arte urbana também possibilita práticas pedagógicas interdisciplinares. Hernández (2020) destaca que projetos baseados na cultura visual articulam conhecimentos de História, Línguas, Ciências Humanas e Tecnologias. Ao trabalhar murais e intervenções urbanas, o professor pode discutir temas como memória, mobilidade urbana, desigualdade social, comunicação e cidadania. Essa abordagem amplia horizontes e torna a aprendizagem mais significativa.

Além das práticas teóricas, vivências práticas de criação são fundamentais para o ensino de Arte. Csikszentmihalyi (2014) defende que a experiência criativa contribui para o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e da motivação interna. Propor atividades de estêncil, lettering ou muralismo escolar, por exemplo, estimula o envolvimento ativo dos estudantes e promove aprendizagens sensíveis e colaborativas.

Outro aspecto relevante é o papel da arte urbana na expressão emocional dos estudantes. Nunes e Braga (2021) afirmam que práticas artísticas coletivas contribuem para a saúde emocional, pois permitem expressão, escuta e elaboração de experiências vividas. A escola pública, ao valorizar essas expressões, mobiliza uma pedagogia mais humana e conectada às necessidades reais dos estudantes.

Também é importante compreender o ensino de arte urbana como ferramenta para educação cidadã. Torres (2020) ressalta que intervenções visuais nos espaços públicos convocam reflexões sobre o direito à cidade, à memória e à participação social. Ao trazer esses debates para o ambiente escolar, o professor fortalece o senso crítico e o engajamento dos jovens com questões sociais.

A educação estética baseada em arte urbana também contribui para a promoção da equidade. Segundo Arroyo (2017), políticas educativas comprometidas com justiça social devem valorizar saberes populares e práticas culturais historicamente marginali-

zadas. A escola pública, ao reconhecer a força da arte urbana, combate desigualdades simbólicas e amplia o acesso à cultura.

A análise das poéticas urbanas também favorece processos de leitura e escrita. Dondis (2015) aponta que a alfabetização visual tem papel essencial na comunicação contemporânea. Trabalhar imagens urbanas estimula competências interpretativas que são fundamentais para todas as áreas do conhecimento, inclusive para a compreensão de textos verbais.

Outro ponto significativo é a importância do diálogo entre professor e estudante. Freire (2016) afirma que o ensino só se efetiva quando há escuta sensível e construção coletiva do conhecimento. A arte urbana, carregada de significados do cotidiano dos jovens, é um caminho potente para promover conversas que aproximam escola e realidade.

Por fim, integrar a arte urbana ao currículo da escola pública implica reconhecer que a educação deve dialogar com as transformações sociais e culturais atuais. Bourriaud (2019) destaca que a arte contemporânea se caracteriza pela produção de relações e interações. Assim, quando a escola utiliza as linguagens urbanas para construir práticas pedagógicas, ela se torna um espaço vivo, conectado ao mundo e capaz de promover experiências significativas de aprendizagem.

2.3 Arte Urbana como Experiência Estética e Crítica no Cotidiano Escolar

O estudo da arte urbana no contexto das escolas públicas possibilita repensar os modos de construção do conhecimento estético, aproximando a expressão artística das vivências dos estudantes. Nesse sentido, o cotidiano escolar torna-se um espaço privilegiado para dialogar com linguagens que nascem da rua, das periferias e das dinâmicas culturais contemporâneas. Para Hernández (2020), as práticas pedagógicas em arte precisam considerar a experiência visual que circula nos espaços urbanos, reconhecendo sua potência formativa e social.

A arte urbana, quando inserida no ambiente escolar, amplia o repertório cultural dos alunos ao apresentar formas de criação que extrapolam os suportes tradicionais. O graffiti, o muralismo e as intervenções visuais possibilitam leituras sociais críticas, permitindo que os estudantes reflitam sobre desigualdade, pertencimento e identidade. Dewey (2010) destaca que a experiência estética se constitui na relação entre sujeito e ambiente, o que reforça a importância de considerar o espaço urbano como campo de aprendizagem.

A escola pública, por sua diversidade sociocultural, mostra-se como espaço adequado para a exploração dessas linguagens. Como afirma Martins (2018), a arte deve ser trabalhada a partir das referências que fazem sentido para os alunos, reconhecendo que a cultura visual local é parte constitutiva de sua formação cidadã. Assim, trazer a arte urbana para a sala de aula significa também legitimar a produção artística das comunidades.

Além de possibilitar novas experiências estéticas, a arte urbana fortalece a construção da identidade coletiva, sobretudo entre jovens que vivem em territórios marcados por desigualdades. Segundo Silva (2017), o graffiti emergiu historicamente como forma de afirmação política e territorial, simbolizando resistência diante das condições sociais adversas. Ao trazer essa linguagem para a escola, abre-se espaço para reflexões profundas sobre racismo, desigualdade e violência urbana.

Outro aspecto relevante é o caráter participativo da arte urbana. Diferentemente das obras expostas em museus e galerias, o mural e a intervenção de rua são produzidos para dialogar com a comunidade. Knauss (2019) afirma que essa arte é essencialmente comunicativa, pois busca provocar, denunciar ou sensibilizar transeuntes. Na escola, esse diálogo estimula processos colaborativos de criação entre estudantes e professores.

A leitura crítica das imagens é uma habilidade fundamental na contemporaneidade, dada a quantidade de informações visuais que circulam diariamente. Para Dondis (2015), a alfabetização visual permite ao sujeito compreender códigos, intenções e significados que compõem a linguagem imagética. Assim, a arte urbana torna-se ferra-

menta pedagógica para desenvolver essa competência de maneira contextualizada.

No ambiente escolar, projetos de criação de murais coletivos podem fortalecer o trabalho interdisciplinar. Professores de Língua Portuguesa, História, Geografia e Sociologia podem discutir temas como memória, território, movimentos sociais, desigualdades e narrativas locais. De acordo com Barbosa (2015), o ensino de arte deve possibilitar reflexões amplas, favorecendo conexões entre diferentes campos do conhecimento.

Um ponto central é a valorização das histórias e culturas locais. A escola pública está inserida em comunidades que produzem saberes próprios, frequentemente invisibilizados pelos currículos tradicionais. Como sugere Arroyo (2017), reconhecer tais saberes é parte de uma educação comprometida com a cidadania e com a justiça social. Nesse sentido, a arte urbana funciona como ponte entre escola e comunidade.

A experiência estética proporcionada pela arte urbana também incentiva a criatividade e o protagonismo estudantil. Freire (2016) destaca que a educação deve estimular a autonomia do sujeito e sua capacidade de transformar o mundo. Ao criar intervenções visuais, os estudantes se percebem como agentes culturais, capazes de produzir discursos e ocupar simbolicamente o espaço escolar.

Além disso, o contato com artistas locais pode fortalecer o vínculo entre escola e território. Muitas cidades brasileiras possuem coletivos de arte urbana que atuam em projetos sociais, oferecendo oficinas e atividades formativas. Segundo Prado (2020), a participação de artistas da comunidade favorece processos educativos mais significativos, pois aproxima os jovens de narrativas que dialogam com suas vivências.

É importante ressaltar também que a arte urbana possui características técnicas específicas, exigindo planejamento coletivo e compreensão dos materiais utilizados. Trabalhar com tintas, sprays e suportes murais demanda atenção à segurança, à sustentabilidade e ao cuidado com o espaço. Nesse sentido, Gómez (2018) ressalta a importância de metodologias colaborativas que respeitem a escola como ambiente educativo.

A mediação pedagógica desempenha papel fundamental na interpretação dessas linguagens. Professores precisam atuar como facilitadores, propondo reflexões que ultrapassem o senso comum e estimulem análises críticas. Para Sacristán (2017), o currículo deve ser entendido como prática cultural, de modo que o ensino de arte possa abrir caminhos para questionamentos sobre poder, desigualdade e representações sociais.

Projetos baseados em arte urbana também contribuem para o desenvolvimento emocional dos estudantes. A expressão artística permite externalizar sentimentos, conflitos e vivências pessoais. Conforme Pereira (2021), práticas expressivas são essenciais para fortalecer a autoestima e o bem-estar emocional de crianças e jovens em contextos vulneráveis.

Outro impacto relevante é o aumento do sentimento de pertencimento ao espaço escolar. Quando os estudantes participam da criação de murais, tendem a desenvolver maior identificação com o ambiente, preservando-o e valorizando sua estética. Isso reforça a ideia de escola como espaço de criação coletiva e não apenas como local de normas e controle.

A arte urbana ainda possibilita reflexões sobre políticas públicas culturais, especialmente no que se refere ao uso do espaço público. Debates sobre criminalização do graffiti, regulamentação das intervenções e ocupação dos espaços urbanos enriquecem discussões sobre cidadania e direitos culturais. Para Canclini (2019), compreender as disputas simbólicas nas cidades é essencial para formar cidadãos críticos.

O uso pedagógico da arte urbana também contribui para desconstruir preconceitos históricos que associam essas expressões à marginalidade. Ao estudá-la academicamente, a escola legitima essa produção como linguagem artística contemporânea. Como aponta Coutinho (2020), reconhecer o valor estético do graffiti e do muralismo é reconhecer a diversidade das culturas juvenis e periféricas.

Por fim, os resultados de iniciativas que integram arte urbana ao cotidiano escolar apontam para uma prática transformadora, capaz de ampliar repertórios culturais, de-

senvolver pensamento crítico e fortalecer vínculos comunitários. A escola, ao incorporar essa linguagem, assume papel ativo na promoção da cultura, da estética e da resistência social.

Assim, o estudo desenvolvido neste capítulo reforça que a arte urbana constitui não apenas uma forma de expressão estética, mas também uma ferramenta educativa potente, capaz de transformar o cotidiano escolar em espaço de diálogo, pertencimento e resistência. Inserir essa linguagem no currículo representa um compromisso com uma educação que valoriza a diversidade cultural e reconhece as vozes que emergem das ruas como parte essencial da construção do conhecimento.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste estudo permitiu compreender que a arte urbana, quando reconhecida como parte constitutiva da cultura dos territórios, constitui um importante recurso pedagógico capaz de fortalecer a relação entre escola, comunidade e identidade cultural.

Evidenciou-se que manifestações como grafite, muralismo e outras expressões visuais produzidas nos espaços urbanos não devem ser vistas apenas como ornamentos estéticos, mas como narrativas que carregam sentidos sociais, políticos e históricos oriundos do cotidiano dos estudantes. Assim, sua presença no ambiente escolar contribui para a construção de práticas que valorizam a vivência, o pertencimento e a pluralidade cultural.

Observou-se também que a inserção da arte urbana no currículo e nas experiências formativas pode favorecer o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva. Ao lerem e interpretarem essas manifestações, os estudantes ampliam sua compreensão sobre desigualdades territoriais, processos de silenciamento cultural e dinâmicas de resistência presentes nas comunidades em que vivem.

Tal abordagem, ao considerar a poética do cotidiano como fonte de conhecimento, fortalece a autonomia criadora dos sujeitos e incentiva o diálogo entre diferentes linguagens, saberes e trajetórias socioculturais.

Além disso, a discussão proposta reafirma a importância de práticas pedagógicas que rompam com modelos engessados de ensino de Arte, aproximando-o das realidades e dos repertórios simbólicos dos educandos.

Quando a escola reconhece e legitima as expressões culturais presentes nos territórios, abre caminhos para uma educação mais democrática, sensível e inclusiva, capaz de enfrentar desigualdades históricas e ampliar horizontes de participação.

A arte urbana, nesse sentido, configura-se como uma potente ferramenta de resistência cultural e de construção de cidadania, permitindo que os estudantes se vejam como protagonistas e produtores de cultura.

Diante disso, este trabalho reforça a necessidade de aprofundar pesquisas e práticas que articulem arte, território e educação pública, contribuindo para que a poética do cotidiano seja compreendida como elemento formador e transformador das experiências escolares.

Espera-se que as reflexões apresentadas possam subsidiar educadores, gestores e pesquisadores interessados em ampliar o diálogo entre cultura contemporânea, diversidade e processos educativos, fortalecendo uma perspectiva de ensino mais crítica, plural e conectada às realidades sociais que compõem o cenário brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Ofício de mestre: imagens e autoimagens. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. 264 p.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. 218 p.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2019. 160 p.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2019. 416 p.

COUTINHO, Reinaldo. Grafite, arte urbana e educação estética. Rio de Janeiro: Apicuri, 2020. 188 p.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Flow: A Psicologia do Alto Desempenho. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. 320 p.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 371 p.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. 208 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 52. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. 144 p.

GÓMEZ, Maria Teresa. Educação artística e cultura visual: práticas contemporâneas. Madrid: Ediciones Morata, 2018. 192 p.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2016. 120 p.

HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho. Porto Alegre: Penso, 2020. 192 p.

KNAUSS, Paulo. História cultural da arte urbana. São Paulo: Alameda, 2019. 230 p.

MARTINS, Mirian Celeste. O que é arte na escola? 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018. 96 p.

PEREIRA, Maria Angélica. Arte, juventudes e emoções: experiências educativas contemporâneas. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 208 p.

PRADO, Ana. Arte pública, coletivos e educação estética. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. 214 p.

SACRISTÁN, José Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 288 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 7. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 200 p.